

INDISCIPLINA ESCOLAR: INFLUÊNCIAS E DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

INDISCIPLINE: INFLUENCES AND CONTEMPORARY CHALLENGES

Ismael Lemes Vieira Júnior 1

Resumo: O presente trabalho tem por finalidade abordar o tema “Indisciplina Escolar: Influências e Desafios Contemporâneos”, em uma Escola da Rede Municipal de São Luis de Montes Belos/GO. Apresenta em seu contexto uma análise teórica acerca da Indisciplina na Escola, visando pontuar os diferentes contextos que influenciam o comportamento indisciplinado do aluno. Para dar ênfase ao trabalho, os principais teóricos que embasaram as análises do tema proposto foram Aquino (1996); Schargel (2002); Vasconcellos (2009) entre outros. A indisciplina na sala de aula tem relação com os aspectos vivenciados na prática pedagógica dos professores e na vida escolar dos alunos, como uma realidade em constante desafio, visto que tal tipo de comportamento pode ser uma das maiores causas do fracasso escolar. No entanto, é no ensino fundamental que este problema incide com maior frequência. Suas causas são diversas e, muitas vezes, parecem insolúveis. Visto que, tem causas sociais e não apenas educacionais. Para tanto, percebe-se que há necessidade de um estudo aprofundado acerca do tema proposto.

Palavras-chave: Indisciplina na Escola. Comunidade Escolar. Prática Pedagógica.

Abstract: The present work aims to address the theme “School Indiscipline: Influences and Contemporary Challenges”, in a School of the Municipal Network of São Luis de Montes Belos / GO. It presents in its context a theoretical analysis about the Indiscipline in the School, aiming to punctuate the different contexts that influence the student’s undisciplined behavior. In order to emphasize the work, the main theorists that supported the analyzes of the proposed theme were Aquino (1996); Schargel (2002); Vasconcellos (2009) and others. The indiscipline in the classroom is related to the aspects lived in the pedagogical practice of the teachers and in the school life of the students, as a reality in constant challenge, since such behavior can be one of the major causes of school failure. However, it is in elementary school that this problem occurs more frequently. Its causes are diverse and often seem insoluble. Since it has social causes, and not just educational ones. In order to do so, it is perceived that there is a need for an in-depth study on the proposed theme.

Keywords: Indiscipline in the School. School Community. Pedagogical Practice.

1 Bacharel em Administração. Bacharel em Direito. Pós-Graduado em Docência Universitária, Especialista em Sistema de Garantias dos Direitos Fundamentais da Criança e Adolescente, Pós-Graduado em Marketing Educacional, Pós-Graduado em Logística Empresarial. Mestre em Ciências da Educação. Professor de Graduação e Pós-Graduação Faculdade Albert Einstein. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3644908087389720>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4434-6762>. E-mail: ismaeljr@terra.com.br

Introdução

Este artigo tem por objetivo pontuar causas e consequências da indisciplina escolar nos diferentes contextos apresentados pelos teóricos pesquisados, bem como na pesquisa de campo, realizada em uma Escola Municipal de Montes Belos – Goiás, buscando esclarecimentos sobre a indisciplina e sua influência no processo de aprendizagem e a relação entre indisciplina e o fracasso escolar.

Para a elaboração do trabalho, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, seguindo o método dialético histórico, embasada em teóricos como: Aquino (1996); Schargel (2002); Vasconcellos (2009) entre outros. A indisciplina é um dos principais problemas que assustam professores e toda a comunidade escolar. É imprescindível que a equipe escolar e pais reflitam sobre essa problemática e encontrem uma maneira plausível para reverter o quadro da indisciplina na escola. Em relação aos desafios contemporâneos, devemos observar a participação da família, o professor e a prática docente, o aluno enquanto sujeito, a parceria com a sociedade e a construção da cidadania e os valores humanos.

Diariamente professores convivem com o problema da indisciplina, e sem saber como abolir esse problema preferem disseminar o autoritarismo, com regras e imposições, e, sobretudo, não permitem que o aluno tenha vez e voz, prevalecendo somente a sua palavra.

A indisciplina é um grave problema, mas há soluções, e um dos caminhos é buscar primeiro as causas e a partir daí investigar os focos que podem gerar situações de indisciplina com o aluno e no ambiente escolar. Não se deve julgar o aluno indisciplinado, ao invés disso, devemos procurar ajudá-lo para que possa aprender mais.

A escola deve trabalhar com a família e valorizar mais o trabalho do professor gerando uma parceria fundamental, quando se alcança esse trabalho em equipe a indisciplina pode ser amenizada no ambiente escolar. Todos devem cumprir seu papel, proporcionando desta forma, um ambiente acolhedor, onde o professor tenha condições de exercer o papel de educador, visando uma aprendizagem de qualidade para os alunos, e a escola desta forma exerce a sua verdadeira função social.

Indisciplina e os desafios: a participação da família

A família é a primeira escola da vida de uma criança e por meio dela é que aprendemos a compartilhar momentos de alegrias, tristezas, conquistas e perdas, fatores necessários à educação de um aluno, daí, torna-se importante conhecer a sua origem, a sua história, a fim de resgatar o passado e, conseqüentemente, identificar no presente o sentimento de pertencer a ela.

É na família que o aluno começa a formar a personalidade e o caráter e é por meio do acompanhamento que os pais influenciam na formação integral dos seus filhos. O fato de a escola ter funções específicas, uma boa estrutura física, um bom sistema de informatização e professores qualificados, não supri a ausência familiar no acompanhamento educacional dos alunos. É preciso, segundo Salvador (1999), que se estabeleça uma sintonia entre a família e a escola, em que a contribuição de cada parte deve ser acolhida e respeitada em benefício do bem-estar e do desenvolvimento do aluno.

De acordo com Bourdieu (1984 *apud* Salvador, 1999, p. 159), “na trajetória social dos indivíduos, a família tem um papel de primeira ordem, porque juntamente com a escola, é responsável pela transmissão cultural: e sua eficiência depende do grau em que a mesma participe dessa cultura”.

Salvador (1999) salienta que a família tem um papel importante na formação educacional dos alunos, e é responsável, juntamente com a escola por essa educação. A família deverá auxiliar na proteção do aluno, garantindo-lhe condições dignas para o desenvolvimento cognitivo, instruindo de forma progressiva, dando suporte de equilíbrio para uma boa formação do caráter e dos valores morais e éticos.

Por isso, segundo este autor, é que a iniciação dos hábitos começa em casa, juntamente com a *convivência*: que é a participação na vida dos filhos, por meio de passeios, competições

culturais e esportivas; o *diálogo*: que é valorização dada aos temas indagados pelos filhos; o *afeto*: por meio de beijos, abraços e palavras de elogios e os *limites*: podando os caprichos e excesso de vontades, não esquecendo de participar efetivamente e dando incentivo à escola quando desenvolver qualquer projeto educacional.

No entanto, o que se percebe nos dias atuais é uma grande dificuldade no ambiente familiar para lidar com os conflitos pertinentes às relações familiares, (pais, filhos, avós, netos) de maneira especial no que diz respeito a imposição de regras e limites. Por isso, acompanhar o crescimento dos filhos e educá-los não tem sido uma tarefa fácil. Pesquisas demonstram que as mudanças ocorridas na sociedade contemporânea estão refletindo de maneira significativa na estrutura das famílias. Pachêco e Paixão (2011, p. 13), nos faz refletir sobre:

A estrutura familiar vem sofrendo mudanças em seu padrão tradicional de organização devido às evoluções sociais, políticas, econômicas e culturais relacionadas ao capitalismo. É possível perceber que grande parte das famílias está se isentando do papel primordial no desenvolvimento integral dos filhos perante a sociedade, atribuindo estas funções que lhes são inerentes à escola.

Em muitos casos são os pais que assumem as tarefas domésticas, fazem compras, levam os filhos na escola, dão comida, banho. Não obstante, as mães não ficam em casa, trabalham, estudam e deixam os filhos sob a responsabilidade de pessoas próximas, como por exemplo, avós e tios, e muitas vezes acabam perdendo o crescimento dos filhos, é o que assevera Maldonado (1986).

Ainda segundo este mesmo autor, as condições ambientais possuem um impacto poderoso na criação dos filhos, exemplificando, se a residência é pequena, há uma maior chance de a criança se interagir mais com seus pais, mas preponderantemente gerará mais conflitos internos, pois a criança terá que respeitar os limites e as regras que são pré-estabelecidas dentro de casa. Ao contrário, se a residência da criança dispuser de mais espaço, como um quintal, ela gastará mais tempo distraído com brincadeiras saudáveis, dependerá de mais energia e não ficaria apenas assistindo televisão ou jogando vídeo games.

Muitos pais oferecem “tudo” para seus filhos, e renunciam a si próprios deixando sua vida em segundo plano. E ainda acham que estão sendo bons pais.

Ser bom pai bom pai ou boa mãe às vezes tem o significado de dar tudo para a criança. Nesse contexto, predominam as atitudes de renúncia [ser mãe é padecer no paraíso], em que só as necessidades do filho são levadas em consideração, enquanto que as dos pais ficam relegadas a segundo plano para poder viver em função dos filhos (MALDONADO, 1986 p. 15).

Mas ser pai significa muito mais do que simplesmente dar “tudo” à criança. Dar amor, carinho, segurança e principalmente ensinar os princípios básicos de uma boa educação, os bons modos e a sua cultura. Mas é possível identificar que alguns pais apenas oferecem a seus filhos bens materiais e transferem à escola aquilo que lhes são inerentes, ou seja, ensinar os hábitos e valores que a sociedade estabelece. De acordo com Pachêco e Paixão (2011), a educação familiar é um fator primordial na formação da personalidade da criança e do adolescente, desenvolvendo valores, como, ética e cidadania que contribuirão de maneira significativa no processo de aprendizagem e em todo seu desenvolvimento cognitivo, esses aspectos são essenciais para a formação integral da pessoa.

É notório que a forma de criação e a bagagem que o aluno traz de casa influencia muito no comportamento dos alunos. Percebe-se que em muitos casos é a família que transfere toda a responsabilidade para a escola, e ainda exigem da escola uma postura autoritária, é o que

afirma Vasconcellos (2009).

A escola e a família devem caminhar juntas, uma auxiliando a outra, pois o envolvimento da família traz um melhor rendimento na vida escolar dos filhos. O que a escola espera da família é que ela ajude, ou, pelo menos, não atrapalhe. De acordo com Vasconcellos (2009) a escola precisa investir na conscientização da família. As escolas afirmam que não possuem recursos financeiros para um amplo trabalho com os pais, mas partindo dessa iniciativa, a escola utiliza os recursos e os espaços oportunos, e reforça o trabalho principalmente com pais dos alunos das séries iniciais, porque estes irão ficar por muito mais tempo nas escolas.

A escola também prima por reuniões de pais educativas, menos informativas e mais formativas, para que estas possam servir de norte para que os pais possam conduzir o problema da indisciplina também nas suas casas. Geralmente nessas reuniões a participação dos pais ainda contém um número pequeno de pais participantes, mas a escola não desiste simplesmente por ter uma quantidade pequena de participantes, pode-se fazer um trabalho muito bem elaborado e significativo, e este pode servir de janela e referência para outros pais que posteriormente ficariam sabendo da magnitude dessas reuniões.

Vasconcellos (2009) argumenta que é essencial saber a fundo de quem realmente é a culpa pela indisciplina na escola, é da família ou do professor? Pois o professor muitas vezes utiliza o histórico do aluno, contra o próprio aluno, como por exemplo, se o aluno possui pais separados, justifica-se então a causa da indisciplina, e professor e escola se isentam de toda a responsabilidade. Este mesmo autor, defende o pensamento de que a melhor maneira para trabalhar com os pais é por meio dos filhos, pois:

[...] uma das melhores formas de se atingir a família é através dos próprios filhos; daí a relevância da escola desenvolver um trabalho participativo, significativo, em que realmente o aluno se envolva e entenda o que está sendo proposto para ele. Desta maneira, o próprio filho terá argumentos para ajudar os pais a compreenderem a proposta da escola (VASCONCELLOS, 2009, p. 85).

Com o auxílio dos filhos, os pais podem se tornar participativos nas escolas, frequentando mais o ambiente escolar, e conseqüentemente se interessando mais pelo desempenho dos filhos na escola. Cumprindo também as suas responsabilidades para com os seus filhos.

A escola precisa mostrar aos familiares que o processo educativo iniciado em casa é de absoluta importância e esta parceria família-escola desenvolve a função de dar continuidade às necessidades individuais de cada aluno. Mesmo porque, é na família que o processo de aprendizado tem seu início.

Deste modo, Zagury (2002, p. 89) enfatiza a importância da interação na relação família e escola, ao afirmar que: “ter consciência do modelo de ensino que a escola adota e do que cada um de nós espera nela encontrar é a chave de uma escolha que poderá garantir uma parceria verdadeira e duradoura entre família e escola”.

Quando o aluno apresenta alguma dificuldade na aprendizagem, a forma com que a família reage ao problema faz a diferença. Se a família imediatamente procurar saber o porquê desta dificuldade. É claro que depende muito de a família interferir e comparecer à escola. Além disso, o contato da escola com a família pode trazer as informações sobre vários fatores que estão interferindo na aprendizagem e apontar os caminhos mais adequados para ajudar o aluno.

Também torna possível orientar os pais para que compreendam a enorme influência das relações familiares no desenvolvimento dos filhos, principalmente ao que diz respeito ao ensino fundamental, onde o aluno está começando a sua formação e necessita de um melhor acompanhamento para aprendizagens futuras. A instituição escolar deve ter uma postura positiva com a família, oferecendo momentos de diálogo e participação na vida da escola, pois:

Levar o aluno a querer aprender implica um acordo tanto com os educandos, fazendo-os sujeitos, quanto com seus pais, trazendo-os para o convívio da escola, mostrando-lhes quão importante é sua participação e fazendo uma escola pública de acordo com seus interesses de cidadãos (PARO, 2000, p.17).

Na perspectiva do autor acima, a escola deve estabelecer mecanismos que estimulem a sociedade a participar da vida escolar, independentemente da situação precária do ensino público em que se encontra nosso país, estimulando a participação e atendendo com serviços de qualidade que se tem direito, uma vez que a sociedade paga impostos, ela também tem o direito de exigir da instituição.

Ainda conforme o autor supracitado, este controle precisa exercer em todas as instâncias, em especial naquelas mais próximas à população, onde se concretizam os serviços que o Estado tem o dever de prestar, como é o caso da escola pública. Porém, a escola, ao prover educação, precisa trabalhar o significado humano, fornecer o mínimo necessário para o aluno se constituir como ser humano de liberdade, atualizando-se e apropriando-se de um mínimo do saber do qual ele faz parte.

A escola não é a única instituição responsável pelos possíveis fracassos da educação dos alunos. A família divide essa responsabilidade com ela, especialmente aquelas famílias que não se envolvem com o aprendizado escolar de seus filhos. Mesmo porque, os pais são as primeiras pessoas a terem um significado na vida do aluno. Embora confiem às escolas a educação dos filhos, com suas experiências, participação, apoio e incentivo, podem fazer a diferença na vida escolar do aluno.

Segundo Schargel (2002, p. 59), “quando os pais são envolvidos, o aproveitamento dos estudantes é melhor, independente de condição socioeconômica, perfil étnico/racial, ou nível de escolaridade dos pais”. O autor enfatiza que os pais, independentemente de sua escolaridade, podem contribuir quando se tem interesse de acompanhar o desenvolvimento do seu filho.

De acordo com Paro (2000), os pais têm que incentivar e influenciar de forma positiva os filhos a respeito de hábitos de estudo e de valorização do saber. Esta falta, às vezes, passa pelo descaso dos professores que afirmam que algumas famílias não estão preparadas para auxiliar seus filhos e esta ausência faz com que a escola também não tenha interesse em debater com os pais, no momento de reuniões mensais, por não acreditar no desempenho dos mesmos.

Nesta perspectiva, Paro (2000), em pesquisa realizada junto aos professores de escolas públicas, os mesmos afirmam que os pais que não participam dos conselhos escolares e da Associação de Pais e Mestres (APM), não têm interesse em participar ativamente das questões pedagógicas da escola a serem discutidas.

Na maioria das vezes, a importância de participar na vida escolar é reconhecida pelos pais no discurso. Para Sarramona (2002, p. 8-9), “os pais devem tomar consciência definitiva de que a escola não é uma entidade estranha e de que sua participação ativa nela é a melhor garantia da boa qualidade da educação escolar”. O autor declara que a participação dos pais na escola é de fundamental importância para o desenvolvimento intelectual dos alunos.

É por meio da interação que a família e a escola descobrem as dificuldades e as possíveis soluções para melhor desempenho do aluno. Schargel (2002, p. 61) afirma que, “quanto mais o relacionamento entre pais e educadores se aproxima de uma parceria abrangente e bem planejada, maiores os níveis de aproveitamento dos estudantes”.

Porém, segundo Paro (2000), os pais pouco participam das atividades escolares e quando comparecem é geralmente para fazer críticas. Por isso é que os pais devem colaborar no processo de ensino-aprendizagem e acompanhar com prazer a vida escolar do filho procurando adaptar ao seu cotidiano, o horário, um ambiente propício ao estudo, fazendo com que o aluno se interesse e tenha mais vontade de frequentar a escola, pois, segundo Aquino (1996, p. 97):

A família, entendida como o primeiro contexto de socialização, exerce, indubitavelmente, grande influência sobre a criança e o adolescente. A atitude dos pais e sua

prática de criação e educação são aspectos que interferem no desenvolvimento individual e, conseqüentemente, influenciam o comportamento do aluno na escola.

Ainda de acordo com este autor, a família é que dá os primeiros passos para a vida social dos alunos, procurando motivar e acompanhar a educação dos filhos, pois demonstrarão seu amor e seu interesse pelos mesmos, e estes se sentirão amados, seguros e queridos pela família. Quando são valorizados os aspectos positivos encontrados nos filhos, normalmente o aluno acaba com aqueles aspectos negativos, e, conseqüentemente, vai procurar e tentar entender os anseios dos pais.

Ao se estabelecer uma relação de confiança, de respeito mútuo e constante diálogo, isso vai se refletir num comportamento positivo e no progresso por parte do aluno, tanto no ambiente escolar, como no meio social no qual estão inseridos. Para Tiba (1996), é notório aos filhos cujos pais participam ativamente na escola, obterem melhor desempenho no processo ensino-aprendizagem, como também terem melhor disciplina e terem melhor socialização com os colegas e professores.

Conforme Aquino (1996), se os pais estimularem a imaginação e a criatividade dos filhos, aprovando seu esforço feito diante das tarefas escolares, demonstrarão o seu amor e construindo assim um ambiente de total cooperação para o seu crescimento na aprendizagem.

Educar com amor, respeito mútuo e paciência, requer dos pais um acompanhamento diário, valorização e participação na formação integral dos filhos, levando-os a se sentirem importantes por estarem participando da construção do seu próprio futuro, tendo como base a autoconfiança e a responsabilidade.

De acordo com Zagury (2002), as famílias podem participar de várias maneiras na vida pessoal do aluno, tais como: dando suporte afetivo, moral e ético; reservando tempo suficiente para o descanso, a brincadeira e a convivência familiar e social; ampliando o conhecimento com atividades fora da escola; na formação artística e na prática de esporte; valorizando cada atividade escolar dada pelo professor; comparecendo regularmente às reuniões; participando de eventos comemorativos e de apresentações de projetos pedagógicos; lendo livros infantis para seus filhos e providenciando um canto de estudo em casa, longe da televisão, telefone e cama.

Isso porque, é importante os pais acompanharem o estudo do aluno, determinando tempo e local apropriado para o estudo, desde cedo, para que possa executar suas atividades e criar hábitos de estudo. Nesse sentido, a função dos pais consiste em estimular o aluno no intuito de ressaltar o senso de responsabilidade; porém, jamais deve comparar o rendimento de um filho com outro filho ou com algum colega.

Paro (2000) também coloca que é essencial que os pais sejam motivados e sintam-se confiantes para participar e contribuir na escola, visando uma educação de qualidade e a formação integral de seus filhos. A educação dos filhos é um processo que exige dedicação e paciência durante todo o tempo.

A partir do momento que os filhos adentram no mundo escolar, considerado como a primeira experiência extrafamiliar, em sua vida, atravessa as várias etapas de crescimento e amadurecimento até chegar à idade adulta. Isso vai exigir dos pais e educadores, o esforço permanente de compreender sua situação, procurando ajudá-los em suas necessidades, corrigir seus desvios, sempre respeitando sua liberdade e sua personalidade. De acordo com Zagury (2002, p. 17):

O pai tem o direito de decidir se quer ter direitos e deveres ou apenas deveres. E, a partir daí, viver uma linda experiência de relacionamento e amor; ao educar e criar seus filhos para a cidadania e a produtividade ou tornar cada dia de sua vida um verdadeiro e infundável tormento. Sim, porque o pai que dá ao filho todos os direitos, e não exige em correspondência deveres e responsabilidade, vai ter filho assim pelo resto da vida. Afinal, eles vão adorar

fazer tudo o que querem e ter a quem responsabilizar em seu lugar.

A autora apresenta a importância dos pais, desde a infância: começar a impor limites e disciplinas para que o aluno se dedique ao estudo, saber dizer não em alguns momentos, não se esquecendo de estimular, participar e de respeitar a personalidade dos filhos, que devem ter o direito de expressarem opiniões, negociando o tempo disponível do aluno com o que ela gosta de fazer, tais como: passeios, viagens, sair com os amigos, assistir ao programa de TV favorito e brincar no computador. O aluno deve ter consciência de que o estudo deve estar sempre em primeiro lugar.

A preocupação com a ausência dos pais, no acompanhamento da vida escolar dos filhos está sempre presente na escola. Por isso, segundo Paro (2000), cabe aos pais administrar esta participação, de forma a auxiliar a vida escolar dos filhos, que é tão importante para a formação do aluno. A ausência dos pais, além de causar uma carência afetiva nos filhos, causa também um enorme obstáculo na aprendizagem.

É de máxima importância que os pais verifiquem o desempenho do aluno na escola e procurem saber se existe algum problema, no processo de aprendizagem, na indisciplina e/ou desatenção; os professores também precisam saber dos pais se o aluno está estudando em casa, se ele inventa artifícios para evitar a ida à escola, entre outros.

É necessário que os pais conversem com o coordenador e/ou professor para saber como está o andamento do aluno nos estudos. Para Schargel (2002, p. 60): “Os estudantes têm mais probabilidade de se atrasarem nos estudos se seus pais não participarem dos eventos escolares, não desenvolverem um relacionamento funcional com os educadores de seus filhos, ou não estiverem a par do que acontece na escola destes”.

O autor salienta que quanto mais os pais participarem da vida escolar de seus filhos, mais eles terão informações precisas do rendimento deles na escola. Conforme Paro (2000), há alguns aspectos pelos quais os pais sentem-se desmotivados em participar das atividades pedagógicas, é que estes não veem a escola como aliada da família nas decisões estabelecidas, devido à escola decidir algumas mudanças, seja do aluno (individual) ou da sala de aula, sem ouvir o que a família pode acrescentar.

Portanto, a escola deve estabelecer desde o começo que não é responsável sozinha pela educação dos alunos, que deve sempre caminhar junto com a família; a fim de comprometer a família no acompanhamento de seus filhos nas atividades escolares.

Por isso, Paro (2000) declara que é necessário atrair os pais para a escola por meio de reuniões descontraídas, diferenciadas das reuniões atuais. Isso porque, os pais também devem estar motivados a participar da escola, não somente do acompanhamento dos filhos em casa. Entretanto, devido as reuniões serem muito rotineiras e sempre iguais, isso frequentemente desmotiva os pais a comparecerem à escola.

Mudando a maneira de realizar as reuniões e encontros com os pais, eles participarão mais ativamente. Segundo Paro (2000), esse entrosamento leva um tempo para a adaptação, é necessário planejar o tempo das atividades e dinamismo para entrosar o grupo, além de promover um lanche, brincadeiras e outros.

E para que este entrosamento aconteça é necessário em primeiro lugar que os pais tragam temas ou tópicos a serem discutidos e a coordenação pedagógica priorize o tema, encaixando os assuntos de grande interesse dos pais e da escola; e em segundo os assuntos serão escolhidos de acordo com o convívio diário dos pais com seus filhos.

Estas reuniões, esclarece o autor, utilizam-se da capacidade profissional para derrubar barreiras de timidez e de insegurança da família, buscando a participação ativa dos pais nas reuniões, fazendo com que se sintam mais seguros para expressarem seus problemas e apreensões, alegrias, perguntando, sugerindo, debatendo, contestando, propondo soluções, dessa forma exercitando sua condição de sujeitos.

Assim, participando mais da escola, os pais terão mais incentivo para acompanhar seus filhos em casa, pois nos encontros realizados na escola, poderão ser orientados sobre a melhor maneira de realizar esse acompanhamento, assim, o aluno terá menos dificuldade em sua aprendizagem. De acordo com Zagury (2002), o que deve ser feito, primeiramente pela família,

é a decisão de acompanhar o desenvolvimento de seus filhos, pois a maioria dos pais não possui tempo disponível e conhecimento sobre o processo de ensino e aprendizagem adotados na escola; isso porque, os pais estão comprometidos com outras atividades e, sem opção de escolha, levam seus filhos a começarem mais cedo a estudar, surgindo sempre dúvidas e receios sobre essa ser a decisão mais acertada.

Desta forma, Zagury (2002) esclarece que o acompanhamento da vida escolar dos filhos poderá ser realizada por meio da relação de confiança que conduz os pais a verificar diversos fatores, como: a) se a linha pedagógica adotada na escola está compatível com o interesse familiar; b) se a formação das equipes docente e pedagógica atende com entusiasmo e satisfação o interesse dos alunos, especialmente do ensino fundamental; c) se as regras disciplinares de funcionamento da instituição estão de acordo com as Diretrizes Bases da Educação Nacional – LDB (Lei 9394/95); d) se o ambiente é agradável para que a família esteja em sintonia com a instituição; e) se a qualidade e os tipos de instalações e as atividades desenvolvidas, curriculares e extracurriculares, estão compatíveis com a aprendizagem dos alunos. Nesse sentido, Zagury (2002, p. 33) esclarece que:

O aluno que, desde cedo, tem contato com outras é sabidamente mais sociável, menos egocêntrica e mais tolerante. Viver em grupo é altamente positivo. O ser humano é gregário por natureza e especialmente o aluno adora conviver e se relacionar com gente do seu tamanho.

Conforme a autora, o aluno necessita socializar-se com os outros alunos, e para que isto aconteça de forma interativa é necessário que os pais imponham limites, os ensinem a perceber seu espaço, a organizar-se em horários de estudo e de lazer e estar em local adequado para melhor concentração nas tarefas escolares. A escola também deve desenvolver atividades compatíveis com a idade dos alunos, aperfeiçoando a noção de espaço, a coordenação motora, desenvolvendo o lúdico e trabalhando com os temas transversais, para que haja um bom aprendizado.

E, com certeza este aprendizado só será possível se houver uma interação da família e escola, como enfatiza Tiba (2002), ao esclarecer que a escola, percebendo qualquer dificuldade de aprendizagem de seus alunos, deve comunicar aos pais. Pois, juntos, pais e escola podem combinar os critérios educativos para promover o real aprendizado.

Tiba (2002) aborda ainda que os pais transmitam por meio de suas experiências educativas e diferenciadas, a evolução na educação de seus filhos, sendo capazes de despertar o interesse e a curiosidade por meio do incentivo à sua aprendizagem; pois, na medida em que o aluno se desenvolve, essa necessidade torna-se mais específica e mais intensa, fazendo com que se espelhem cada vez mais em seus pais por meio de conhecimentos e de experiências de vida que irão contribuir para a formação de cidadãos autocríticos e capazes de enfrentar os problemas impostos pela sociedade.

A participação da família e da escola deve ser de forma efetiva e integrada, a fim de valorizar e incentivar a educação de seus filhos, para que a cada dia elas possam desenvolver sua criatividade e adquirir conhecimento. Segundo Schargel (2002, p. 58), “quando os pais se envolvem na educação de seus filhos em casa, seus filhos se saem melhor na escola”.

O estímulo do aluno em aprender começa em casa. Paro (2000) relata que os pais podem muito ajudar no desempenho escolar de seus filhos, em que a carga horária que permanece com seus filhos, independentemente do saber ler e escrever dos pais, é muito mais compensadora do que na escola, que ficam apenas de quatro a cinco horas diárias.

Essa maior participação da família na vida escolar do filho faz com que o aluno aprenda mais, pois é preciso reconhecer que, independentemente do contexto familiar no qual está inserido, o aluno pode captar afetividade e segurança, mas também o medo e a rejeição. Por isso, é importante que a escola conheça os alunos e as suas respectivas famílias com intuito de tentar descobrir maneiras de equilibrar as dificuldades e também de desenvolver projetos,

para construção de propostas educacionais compatíveis com a realidade deles.

De acordo com Tiba (2002, p. 183), “se a parceria entre família for formada desde os primeiros passos do aluno, todos terão muito a lucrar. O aluno que estiver bem vai melhorar e aquela que tiver problemas receberá a ajuda tanto da escola quanto dos pais para superá-los”. O autor salienta que as dificuldades encontradas pelos pais, por trabalharem fora de casa, bem como pelos grandes problemas vividos no âmbito familiar, acabam resultando grandes mudanças em seu meio.

Há, também, problemas que reforçam a dificuldade de aprendizagem de um aluno, como expõe Tiba (2002) e que podem ser assim resumidos: agressividade em casa, violência nos bairros, filhos que escondem suas travessuras, a situação financeira precária da família, separação dos pais, pais embriagados e frustrados com a sua infância, a modernidade das famílias, a troca do ter (material) pelo ser (afetivo).

A humanidade, ainda segundo o autor, está perdendo o essencial: a formação do caráter, o educar para os desafios e a preparação dos valores éticos e morais. E para resgatar uma melhor sociedade é necessária a construção de uma nova família. E diante de tantos problemas existentes, os professores devem buscar na educação diária o desenvolver do aluno para a vida pessoal e profissional e se estas dificuldades forem compartilhadas entre escola e família, a interação será muito mais abrangente.

Para Rogoff (1993 *apud* Salvador, 1999, p.153), “se quisermos entender os processos pelos quais os alunos chegam a alcançar as habilidades que lhes permitem participar nas atividades das outras pessoas é preciso levar em conta as circunstâncias e as metas da família e da comunidade”. Conforme o autor, os pais têm que buscar oportunidade de crescer juntamente com a escola, a fim de formar futuros cidadãos capazes de construir uma sociedade mais livre e democrática.

A escola também tem função de complementar a formação da personalidade do aluno, oferecendo uma educação diferenciada da família, em que, a partir do convívio escolar vai fazer parte de um coletivo de alunos em que geralmente, na família, este contato é exclusivo a ele.

A escola deve ter maturidade e visão pedagógica, aconselhando os pais e estimulando a imaginação e a liberdade do aluno, para que se sintam participativos e interessados em apreender, não esquecendo de levar em conta os problemas sociais vividos na sociedade, repensando sempre a finalidade e os valores da comunidade na qual o aluno está inserido. Segundo Palácio (*et al* 1998 *apud* Salvador, 1999, p. 168):

Uma bela demonstração de qual é a importância das interações sociais no desenvolvimento bem como do papel das ideias dos pais sobre o desenvolvimento e a educação, seria uma demonstração a mais de que a interação que se sujeita acertar características, não só estimula o desenvolvimento, mas também, a estrutura o constrói ativamente.

Os autores abordam que o aluno quando chega à escola não tem conhecimento de uma ascensão social, em que quanto mais estudo mais facilidade de chegar a uma universidade ou ter um emprego futuro, mas sente a necessidade de encontrar amigos e aprender novas brincadeiras.

E a escola deve aproveitar este interesse adaptando o currículo de acordo com o aluno, levando a participar de acontecimentos sociais, de aprender a escrever, de ter visão de mundo diferenciada, compartilhando o aprendizado e desenvolvendo o conhecimento com outros alunos, onde muito das vezes estes conhecimentos com outras atividades extracurriculares estão fora da realidade familiar. De acordo com a LDB 9394/96 (Brasil, 2001) em seu artigo 22 afirma que “A educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania, fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”.

Conforme a LDB (Brasil, 2001), a educação básica é que fornece meios necessários para o aluno tornar-se futuro cidadão. Paro (2000), salienta que a família sempre confirma a continuidade dada na escola, porém quando existe questionamento referente às formas de como os pais reagem à realidade escolar, surgem conclusões diversas que diferenciam da rede pública para a rede privada, principalmente porque os usuários da rede pública sentem-se constrangidos em questionar a metodologia aplicada na escola.

Isso se deve, em parte, pela falta de conhecimento da lei ou por falta de interesse, mas a maioria das famílias colocam seus filhos na escola na esperança de adquirirem conhecimentos e não encontrarem as mesmas dificuldades sofridas por eles. Isto deixa claro que os pais querem que seus filhos vão para a escola visando uma realização profissional, a qual eles não tiveram. Paro (2000, p. 58) ressalta que:

Na grande maioria dos depoimentos, é bastante notável o lugar que acaba sendo reservado à escola como instrumento para facilitar a obtenção de um emprego, quer pela qualificação para melhor desempenho de uma função profissional, quer pela melhor apresentação pessoal e melhor desembaraço que a educação escolar pode propiciar para a obtenção de uma colocação no mercado.

A escola, para o autor, tem o grande desafio de acabar com o fracasso escolar, descobrir metas para a instituição, buscar sempre a valorização do aluno, aumentando sua autoestima, acreditando e fazendo-o acreditar que é capaz de aprender independentemente da família na qual está inserido. Isso porque, Paro (2000) acredita que os professores têm que proporcionar aos educandos a oportunidade de se apropriarem de conteúdos de maneira crítica e construtiva, levando em consideração sua relação com a vida e sua visão de mundo.

O professor e a prática docente

O professor é fundamental na vida escolar de seus alunos e, sobretudo, no combate às atitudes indisciplinadas em sala de aula. Vasconcellos (2009) menciona que é primordial que os agentes envolvidos no combate à indisciplina, não aponte ou julgue o aluno indisciplinado ou tampouco acuse os responsáveis. Percebe-se que atualmente o professor não tem sido valorizado suficiente, em seu pleno exercício de trabalho. E como consequência de falta de estímulo, o professor vai se desgastando, e acaba por não fazer um trabalho de qualidade.

Mas para que ocorra um trabalho de qualidade o professor deve encarar a sua realidade, e não responsabilizar somente o aluno ou a família pela indisciplina na sala de aula. Segundo Vasconcellos (2009), o professor deve superar as explicações para o problema da indisciplina, como: a culpa é da família, problemas afetivos, é influência da mídia. Sabe-se que esses destaques são também causadores da indisciplina, mas o professor não deve usar álibi para retirar sua responsabilidade. Vasconcellos (2009, p. 85) assevera que:

O professor tem de ser sujeito da história pedagógica de sua classe e de sua escola, não pode ficar sonhando com alunos ideais. Só se pode transformar a realidade a partir do momento em que se assume a existente. O professor tem de aceitar o aluno que tem. Primeiro aceitar, depois tentar mudar. O aluno deve sentir-se aceito para estabelecer relações, ao contrário se fecha e não há forma de interação.

O professor deve estar preparado para as adversidades que há no seu trabalho, os obstáculos que aparecem dia a dia e acreditar que todos os problemas podem ser solucionados. Mas é imprescindível que tanto professor quanto o aluno acreditem que podem confiar um

no outro e assim haver uma troca mútua de respeito e confiança. Diante disso, Vasconcellos (2009, p. 85) afirma que “a verdadeira relação educativa não se faz sem vínculo de confiança recíproco: o educando confiando na competência do professor e o professor confiando na capacidade de aprender do educando”.

De acordo com Vasconcellos (2009), o professor é um agente fundamental e privilegiado na mudança da indisciplina, visto que, o professor está em contato direto com o aluno na sala de aula – lugar onde é manifestada a indisciplina – por ser um profissional da educação, e por ter interesse de transformação, bem como a resolução do problema. O professor deve estar ciente de que ele também é responsável e não basta somente culpar a família, mas colocar em prática o seu papel histórico de agente de transformação da realidade.

Sabe-se que um dos objetivos da educação é a formação do ser humano, e este não se forma sozinho, e todos devem ter a sua consciência de que precisam cumprir os seus papéis na formação do aluno. É papel do professor ter uma postura clara e firme em relação à indisciplina, ou seja, ele não pode ser muito fechado, inflexível ou tampouco mostrar que está inseguro ou desorientado e que não sabe como resolver o problema. Ele deve mostrar a sua autoridade na classe e não se deixar imperar pelo autoritarismo. Conquistar o respeito e a confiança de seus alunos é imprescindível para o sucesso do professor em sala de aula.

Mediante a proposta de uma ação poderosa contra a indisciplina o professor deve ter a convicção de que o seu saber deve ultrapassar o senso comum e deve também considerar aquilo que de fato é importante e significativo para seus alunos, é o que assevera Vasconcellos (2009). Mas o que se percebe em muitos casos, é que certos professores estão mais preocupados com o cumprimento do programa curricular que com o aluno, ou seja, há uma supervalorização na relação pedagógica e o aluno acaba se tornando um objeto, Vasconcellos (2009, p. 92). Para ser diferente é imprescindível que o professor tenha em mente a realidade na qual sua turma está inserida, e buscar algo novo, estudar, pesquisar, algo que vá chamar a atenção do aluno, resultando na aprendizagem.

O respeito deve ser uma das necessidades para o bom andamento das aulas. Mas o professor deve exigir respeito, mas, sobretudo, tem que respeitar seus alunos, pois “a busca do clima ético de respeito em sala de aula tem a ver com a construção da cidadania, com o direito a ter sua palavra, a se expressar” (Vasconcellos, 2009, p. 93). O professor também deve ter ética, ser assíduo às suas aulas, mostrar comprometimento e mostrar para seu aluno que ele está preparado para assumir a posição de educador.

Vasconcellos (2009) afirma que existe a indisciplina ativa e a indisciplina passiva. Na indisciplina ativa, o aluno faz “bagunça”, e a indisciplina passiva é aquela que em que o professor pode até conseguir o silêncio da turma, mas não a interação dos alunos e esta é considerada a pior de todas, pois o professor tem o domínio da sala, mas o que é pior, não tem a atenção e tampouco aprendizagem.

O desafio que se coloca, portanto, é que, de um lado, o professor deve exigir esforço, dedicação, disciplina dos alunos e, de outro, deve exigir-se, de maneira a construir uma adequada proposta de trabalho. Em síntese, para exigir disciplina, o professor precisa ter moral..., rever sua proposta de trabalho, tanto do ponto de vista do conteúdo, como da metodologia (criança motivada não dá problema de disciplina) (VASCONCELLOS, 2009, p. 96).

A proposta de trabalho do professor deve ser adequada e condizer com a realidade com que aquele aluno vive. Se a metodologia for somente expositiva, o que irá predominar na sala de aula, será o silêncio. É por isso que o professor deve estar atento. O que é muito comum perceber nas aulas, é que os alunos que são indisciplinados, estão tentando chamar a atenção do professor, ou seja, ele não está satisfeito, não está entendendo o conteúdo, e aquele método de estudo não está lhe proporcionando alegria, tampouco uma aprendizagem significativa.

Cabe ao professor, levar o aluno a perceber, de acordo com Vasconcellos (2009), que faz

toda a diferença participar da aula, pois a aula é interativa, desafiadora, motivadora. O professor deve ter um bom relacionamento com seus alunos, incentivando-os, e deve também mostrar a eles que companheirismo e trabalho em conjunto será muito produtivo e satisfatório.

Perante a turma o professor deve manter uma postura firme, prezando pela democracia, combatendo os preconceitos. Não deve vincular a nota do aluno ao seu comportamento e deve dar a devida atenção que os alunos precisam. Acima de qualquer ato, o professor tem que ter em mente que ele tem um compromisso com seus alunos e que juntos e, com afeto, podem ser capazes de resolver os problemas existentes na sala de aula. E é imprescindível que o professor mantenha o diálogo, não usar acusações, mas saber ouvir todas as partes envolvidas e juntas e procurar a melhor solução plausível para resolver as situações.

Uma forma de ação por parte do professor é mostrar de forma interativa a importância das regras para os alunos, orientá-los e não tratar de forma punitiva, pois os alunos que apresentam problemas de indisciplina precisam de uma ação educativa apropriada, necessitam de maior aproximação dos professores e de diálogo; além disso, há a necessidade de a escola fazer uma investigação das causas da indisciplina.

Mas o que se pode perceber é que nenhuma medida de ação educativa por parte dos professores é suficiente se o trabalho que ele exerce dentro da escola não for valorizado. Se as condições de trabalho do professor são precárias, com salários baixos, salas lotadas, cursos de formação continuada que possibilite ao professor um maior conhecimento a respeito do combate à indisciplina, seria impossível fazer um trabalho de qualidade.

É preciso haver recursos para que os professores possam estar motivados ao enfrentarem uma sala de aula, pois segundo Vasconcellos (2009), o professor deve sentir que é respeitado e apoiado pela escola. Caso isso não ocorra, o professor pode sentir-se desmotivado e não se preocupar com a formação de conhecimento por seus alunos e pensar que a falta de aprendizado e o fracasso escolar é culpa somente do sistema e não dele também.

O aluno enquanto sujeito e a parceria com a sociedade

A participação do aluno em relação ao combate à indisciplina é imprescindível. Respeitar os colegas, o professor, os funcionários da escola, respeitar o espaço de cada um e as regras que a escola estabelece, é papel de cada educando.

Contudo, o que fica visível, é que o aluno também tem o direito de opinar em relação às normas, mas, sobretudo, deve-se ter em mente que é através do diálogo e do respeito que cada aluno pode conquistar seu espaço, é o que assevera Vasconcellos (2009). Entretanto, também é necessário que os alunos entendam que a escola possui regras e que elas precisam ser seguidas por todos.

Vasconcellos (2009) afirma que governantes, parlamentares, aparelho jurídico e policial, empresários, meios de comunicações, a sociedade de forma geral, podem contribuir com a disciplina na escola, comprometendo-se com:

- A democratização política e econômica, na qual os professores têm o direito a salários mais justos, melhores condições de trabalho, saúde, transporte, habitação, segurança;
- O desenvolvimento da ética social, onde haja o resgate do valor do bem comum, da solidariedade, humanização, do compromisso com a verdade;
- A valorização da educação, bem como dos profissionais da educação, onde estes se tornam peças-chave para o desenvolvimento nacional.

A sociedade e os governantes devem ter um olhar diferenciado para a educação, valorizar os profissionais, oferecendo melhores condições de trabalho aos professores, para que sintam motivados a fazer um trabalho de qualidade, prezando pela educação de milhares de alunos, pois é através da valorização da educação que se pode transformar o futuro do país em algo melhor.

A construção da cidadania e os valores humanos

A cidadania dos alunos é construída na escola desde os primeiros anos, quando os professores os ensinam a cumprir seus deveres e respeitar os direitos dos outros para terem os seus respeitados. Com isso, as crianças vão crescendo e aprendendo sobre valores, ética, moral e cidadania.

Nesse contexto, a construção da cidadania envolve processos ideológicos que possuem por meta a formação de uma consciência pessoal e social no que diz respeito aos direitos e deveres. Sendo assim, formar um cidadão é uma tarefa humanizante, que visa tornar todos os homens mais iguais. Visto que, cidadania diz respeito à dignidade humana e aos direitos humanos, ou seja, aos direitos fundamentais de cada pessoa.

Nesse sentido, ser cidadão é ter direito à vida e sua dignidade reconhecida. Portanto, para que a escola forme seus alunos para tornarem-se cidadãos, os conteúdos ensinados devem estar em harmonia com os problemas sociais, a fim de que os alunos possam contextualizar os conhecimentos escolares com as suas experiências cotidianas e vejam neles seu real significado.

Nesse sentido, formar um cidadão diz respeito a desenvolver os valores que ele possui naturalmente e, sem os quais, não pode exercer direitos ou cumprir deveres. Além disso, é necessário resgatar alguns valores que vão ficando esquecidos no inconsciente da coletividade e, essa tarefa, é um grande desafio, como aponta Martinelli (1996, p. 16):

O resgate dos valores humanos é o nosso grande desafio, mas o ser humano tem reservas inesgotáveis de transformação. Temos nos valores morais e espirituais o grande instrumento de aprimoramento e o traço de união dos povos, sem distinção. Os valores promovem a verdadeira prosperidade do homem, da nação e do mundo.

Não há, dessa forma, como formar um cidadão sem desenvolver nele os valores morais e espirituais. A escola deve, portanto, desenvolver habilidades e capacidades para que os alunos possam compreender os fenômenos sociais e culturais de cada momento histórico, de seu país e da humanidade como um todo, reconhecendo as manifestações nacionais e universais como um atributo aos grandes acontecimentos e às grandes personalidades.

Diante desse contexto, a escola deve iniciar o trabalho de construção da cidadania valorizando, primeiramente, a cultura da comunidade na qual está inserida, porque, muitas vezes, os alunos conhecem as datas nacionais importantes, mas não conhecem a de sua comunidade ou de seu estado. A cultura é um importante instrumento na formação da cidadania porque permite às pessoas construir sua identidade. Por isso, a cultura também não pode estar fora dos conteúdos escolares, visto que faz parte da vida de todos os envolvidos no sistema educacional, além disso, é importante para a formação da cidadania por vir carregada de valores transmitidos de geração a geração.

Considerações Finais

No que se refere ao estudo das causas da indisciplina no âmbito escolar, observou-se que, diante do fato de que a indisciplina tem sido uma das maiores causas do fracasso escolar, é necessário que os professores busquem conhecer as causas dessa indisciplina a fim de buscar soluções.

As concepções de Indisciplina apresentadas nesta dissertação pela maioria dos autores pesquisados apontam para um dos maiores desafios que a escola está enfrentando. As pesquisas revelaram a necessidade de uma ação conjunta por parte da comunidade escolar, das famílias e sociedade para a busca de soluções.

Por isso, os teóricos pesquisados indicam a necessidade da prática pedagógica do

professor que deve ser diferenciada, reflexiva, e que entre o professor e o aluno deve existir o respeito de opiniões e o diálogo para facilitar a comunicação e o entendimento entre as partes.

As famílias também representam um papel fundamental na formação de valores dos seus filhos. E devem estar presentes no cotidiano escolar dos filhos, incentivando-os e motivando-os. Em síntese, foi possível perceber que há a necessidade de um envolvimento maior entre educadores e toda comunidade escolar, especialmente com as famílias, a fim de buscar métodos que possam minimizar a indisciplina na escola e na sala de aula.

Uma das alternativas que propomos para diminuir a indisciplina na escola é construir parcerias, tornado as relações afetivas mais próximas de seus alunos, dialogando com eles, assim poderão entender melhor a razão da indisciplina e buscar ajudá-los no sentido de se comportarem adequadamente e obterem um melhor aprendizado.

Em suma, realizar promoção da integração entre escola-família-comunidade, envolvendo-as nas ações educativas na unidade de ensino; fornecer subsídios ao trabalho docente, visando à melhoria da qualidade do processo ensino-aprendizagem; informar aos pais ou responsáveis sobre a frequência e o rendimento dos estudantes, bem como deixar em um boletim informativo a proposta pedagógica da escola; fomentar discussões, debates, palestras, e seminários junto à comunidade escolar; organizar e participar de fóruns de discussão pedagógica.

Referências

AQUINO, Julio Gropa. **Indisciplina na escola: alternativas teóricas**. 9. ed. São Paulo: Summus, 1996.

BRASIL. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: Lei 9394/96. Brasília: Câmara dos Deputados, 2001.

MALDONADO, Maria Tereza. **Comunicação entre Pais e Filhos**: A linguagem do sentir. 9. ed.

MARTINELLI, M. **Aulas de transformação: o programa de educação em valores humanos**. SP: Peirópolis, 1996.

PACHÊCO, Cíntia Maria; PAIXÃO, Fernanda Félix. **Relação Escola e Família**: Uma proposta de parceria em busca do êxito na aprendizagem no Ensino Fundamental I. 2011, 51 p. Monografia apresentada para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, Universidade Estadual de Goiás, São Luís de Montes Belos, 2011.

PARO, Vitor Henrique, **Qualidade do Ensino**: a contribuição dos pais. São Paulo: Xamã, 2000.

SALVADOR, César Coll (org.). **Psicologia da educação**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

SARRAMONA, Jaume L. **Educação na Família e na escola**. São Paulo: Summus, 2002.

SCHARGEL, Franklim P. **Estratégias para auxiliar o problema de evasão escolar**. Rio de Janeiro: Dunya, 2002.

TIBA, Içami. **Disciplina: o limite na medida certa**. São Paulo: Gente 1996.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **(In)Disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. 17. ed. São Paulo: Libertad Editora, 2009.

ZAGURY, Tânia. **Escola sem conflito: parceria com os pais**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

Recebido em: 8 de dezembro de 2021.

Aceito em: 18 de dezembro de 2021.